

CONEXÃO HISTÓRICA

REVISTA DE HISTÓRIA



EDIÇÃO I

MESTRANDA: MÁRCIA A. A. DOS SANTOS BARROS
ORIENTADORA: ISNARA PEREIRA IVO



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA

Os cristãos-novos na América portuguesa

Para descobrir!

Você já ouviu falar de Sefarditas ou cristãos-novos? Sabe em quais circunstâncias esse grupo chegou ao território português na América? As respostas para estas questões estão no texto abaixo.

Faça a leitura e compartilhe com seus colegas suas impressões.

Os cristãos-novos participaram ativamente no processo de colonização do Brasil. Mas, quem eram estes tais cristãos-novos de onde vieram e qual a participação deste grupo no processo colonial? Para responder esta pergunta precisaremos retornar ao século I da era cristã.

No ano 70 d.C., os judeus tiveram que deixar o território em que habitavam no Oriente Médio, por causa da perseguição do general Tito Lívio, à mando do imperador romano Vespasiano, seu pai. A perseguição religiosa empreendida nesse período culminou com a destruição de Jerusalém e a derrubada do templo. Estes eventos forçaram a dispersão dos judeus por toda a Europa. A península ibérica se tornou o principal destino dos dispersos, pois ali encontraram uma relativa aceitação sendo possível reconstruírem suas vidas, se destacando como grandes homens de negócios.

A convivência pacífica não perdurou muito, as Cruzadas, que tinham como objetivo a retomada da Terra Santa das mãos dos Mouros, revelou o ódio dos templários também contra os judeus, considerados inimigos de Deus, pelo assassinio de Cristo. Muitos judeus foram mortos pelos Cruzados em solo Europeu, pois os mesmos diziam que não precisavam ir ao Oriente para vingar à Cristo.

Outro episódio que desencadeou grande perseguição aos judeus foi a Peste Negra, doença que devastou a Europa, causada pelas pulgas dos ratos, durante o século XIV dizimou 1/3 da população europeia, contudo a visão teocêntrica tão presente nesse período imputou aos judeus a responsabilidade pela mortandade que assolava, pois consideravam que a pandemia era resultado da ira de Deus, por causa da morte de Jesus, consequentemente os judeus eram os responsáveis pela ira do Criador.

O fato de serem considerados deicidas contribuiu para a disseminação do ódio contra esse povo, porém o fator econômico fortaleceu ainda mais o sentimento antissemita, os judeus prosperaram muito em seus negócios na península ibérica, se destacando como ricos comerciantes, homens letrados, que se destacavam nas ciências. Esse destaque alcançado gerou uma grave crise, pois os cristãos os acusavam de ficarem com suas riquezas.



Figura 1 Judeus sefarditas expulsos da Espanha em 1492

[...] Batizados à força, os judeus seriam transformados em cristãos, mas cristãos-novos, herdeiros dos preconceitos reservados anteriormente aos que seguiam a fé de Moisés. Embora o problema estivesse resolvido oficialmente através da conversão geral, mantendo-se as imposições necessárias para os laços de união com a Coroa hispânica, os conflitos sociais de outrora entre cristãos e judeus continuariam a existir [...] (Assis, 2012, p. 55).

O batismo forçado não resolveu os problemas, os judeus convertidos, eram ainda considerados inferiores, indignos, uma raça infecta, que continuou sendo perseguida. Diante das pressões exercidas pela sociedade de cristãos-velhos, o Tribunal da Inquisição foi criado em Portugal em 1536 durante o governo de Dom João III. Com a instalação da Inquisição em Portugal começam saídas constantes de judeus do reino, sendo um dos destinos escolhidos a colônia portuguesa na América, o Brasil.

Exemplos **de temas de redação** nos quais a história dos cristãos-novos na América portuguesa pode enriquecer seu repertório de leitura e argumentação.

#ENEMnota
1000

O que falar sobre...

Intolerância religiosa na história: Discuta como a perseguição e a discriminação dos cristãos-novos na América portuguesa refletem questões de intolerância religiosa ao longo da história e como esses eventos podem oferecer lições para a tolerância religiosa hoje.

Figura 2 vestimentas dos judeus na Idade Média



A presença cristã-nova na colonização da América portuguesa

Aprendemos que os portugueses colonizaram o Brasil, tal afirmativa é muito genérica, pois não diferencia os portugueses cristãos-velhos, considerados de sangue puro e cristãos-novos, denominados de sangue infecto. Essa diferença se dá por conta da origem e ancestralidade de cada grupo e foi ratificado pelo estatuto de pureza de sangue.

Segundo Novinsky (1972), desde o Concílio de Latrão, em 1215, a proibição da participação judaica em cargos públicos foi instaurada. Adotada primeiramente na Espanha, em Toledo, em 1449, a legislação de pureza sanguínea ganha força e, no século XVI, no governo filipino, foi assimilada pela Coroa, Clero, Ordens Militares e todas as camadas sociais. Essa concepção dividiu a sociedade portuguesa, promovendo a instauração do primeiro preconceito racial institucionalizado. Segundo essa legislação havia uma diferença entre os portugueses que era latente e todos quantos não tivessem ancestralidade ibérica sendo praticantes do catolicismo era considerada raça inferior, sangue impuro. Eram considerados sangue infecto descendentes de mulçumanos, de judeus, ciganos, africanos, indígenas, etc.

A presença cristã-nova, no Brasil, remete à própria conquista da terra, pois, segundo Wiznitzer (1960), na tripulação de Pedro Álvares Cabral, havia ao menos um cristão-novo. Gaspar da Gama que caiu nas graças do rei D. Manoel I, que logo o nomeou como perito, conselheiro e intérprete do Almirante Pedro Álvares Cabral, na expedição deste às Índias que resultou no “descobrimento do Brasil”.

Você sabia que havia uma diferença entre portugueses cristãos-velhos e portugueses cristãos-novos?

É muito importante compreender essa diferença, pois embora fossem naturais de um mesmo território a ancestralidade diferenciava estes sujeitos.

A exploração e colonização da nova terra iniciou-se em 1503. Segundo Lipiner (1969), D. Manoel I, diante dos escassos recursos da Coroa para colonizar uma imensidão territorial, realizou o arrendamento das possessões coloniais na América a um consórcio ou associação de cristãos-novos que investiriam recursos próprios no investimento colonial. Wiznitzer (1960) descreve o contrato, assinado em 3 de outubro de 1502, no qual os arrendatários deveriam enviar anualmente ao Brasil seis embarcações e descobrirem 300 léguas de terras novas, além de construir e manter fortificações. Em contrapartida, estes recebiam o monopólio sob essas terras, podendo, assim, explorar o pau-brasil, comercializar escravos e todas as mercadorias lucrativas, durante um período de três anos, abrangendo os 1503 a 1505.

Você sabia?

Quem foi Fernão de Noronha?

Fernão de Noronha foi um rico fidalgo português que financiou explorações ao Brasil a partir do ano de 1503. Os lusitanos haviam acabado de chegar ao país, mas eles ainda não tinham mostrado muito interesse. Por isso, o rei Manuel 1º arrendou as terras para um grupo de cristãos-novos (judeus convertidos), como Noronha. A partir de 1503, ele financiou expedições para extrair pau-brasil, madeira cujo corante tinha demanda no norte europeu. Graças ao sucesso de suas empreitadas, em 1504 o rei deu a ele a ilha pernambucana de presente, na forma de capitania hereditária, de modo que ela ganhou seu nome. Uma curiosidade: o nome real do português era Fernão de Loronha – a versão abrigada é uma corruptela que acabou pegando.



Judeus que habitavam em Sepharad, termo que segundo o autor, o líder do consórcio, Fernão de Loronha, veio junto com as tropas e mercadorias na primeira expedição, em 1503, descobrindo uma ilha na costa setentrional do Brasil, dando-lhe o nome de Ilha de São João, mas ficou reconhecida como Ilha de Fernão de Loronha, hoje, denominada Ilha de Fernando de Noronha. Por reconhecimento ao feito de Fernão, o rei nomeou-lhe Cavaleiro da Coroa e donatário da ilha por toda a vida, sendo o filho mais velho o herdeiro do direito da capitania, com isso, ele tornou-se o primeiro donatário do Brasil.

O sucesso do sistema de capitanias hereditárias só foi possível devido à atuação dos cristãos-novos que, em grande número, migraram para a América portuguesa. De acordo com Salvador (1970), somente com os degradados, o empreendimento não vingaria, necessitando de um número maior de pessoas que tivesse migrado de espontânea vontade. “[...] Ninguém, talvez, melhor do que os judeus portugueses se foi apercebendo das possibilidades ensejadas pela Terra de Santa Cruz. Eles contactaram com a mesma desde os albores do descobrimento [...]” (Salvador, 1970, p. 550).

Grandes conhecedores da agricultura e, sobretudo, da produção canavieira, os descendentes judaicos foram os mais destacados na indústria açucareira. Detentores de um vasto conhecimento que envolvia a produção da cana, o beneficiamento do açúcar e o comércio deste, muitos cristãos-novos tornaram-se abastados donos de engenhos, acumulando riquezas e prestígio social. Segundo o historiador José Gonçalves Salvador, o número de cristãos-novos no Brasil colonial era superior ao de cristãos-velhos, demonstrando que embora houvesse a proibição de que judeus, denominados de sangue impuro, pudesse exercer cargos administrativos e eclesiásticos, muitos burlaram a legislação destacando-se em elevados cargos.

Segundo o historiador, muitos clérigos, membros do clero, do funcionalismo e até governadores eram de origem judaica, dentre eles: o padre José de Anchieta, Salvador Correia de Sá, Benevides, Tomé de Sousa, Gomes Freire de Andrade e o governador-geral Afonso Furtado de Castro do Rio, e outros. tal assertiva nos leva a considerar a grande influência desse grupo na colonização. A presença dos neoconvertos na conquista do território também é evidenciada por Salvador, que assevera que muitos foram beneficiados com as sesmarias. Ao firmarem acordo com os donatários das capitanias, os cristãos-novos investiam em pessoal e bens e lutavam com estes, dizimando os indígenas e avançando na dominação. Mesmo com a proibição do estatuto da pureza de sangue, os judeus conversos conseguiam em recompensa pela fidelidade, parte do território conquistado. Fica evidente diante dos documentos históricos que a presença cristã-nova na América portuguesa foi abundante e decisiva para a colonização do território, estando presentes desde a chegada de Cabral, continuaram atuando de diversas maneiras no território, contribuindo diretamente através das mestiçagens para a formação do povo brasileiro.

SE LIGA!



Estatuto de pureza de sangue

Desde o século XVI, o critério de “pureza de sangue” era utilizado na admissão de indivíduos em ordens religiosas e militares, bem como nas eleições para ocupação de cargos públicos e eclesiásticos, na península Ibérica. Adotada, primeiramente, pela Espanha com o Estatuto de Exclusão, publicado em 1449 na cidade de Toledo, tal critério impedia os recém-convertidos à fé católica e os considerados de “sangue infecto” (judeus, mouros e negros) de ocuparem cargos municipais.

A fogueira da Inquisição

Durante quase todo o Quinhentos, a população cristã-nova, que habitava no Brasil, viveu com uma relativa tranquilidade, pois estava longe dos olhares da inquisição, haja vista que a implantação do Tribunal não havia acontecido nos trópicos. Mesmo sem a existência do referido Tribunal em terras brasílicas, Capistrano de Abreu (1922) relata que os bispos aqui radicados faziam uso do seu regimento para punir crimes contra a Santa Fé. O autor faz referência ainda à sentença de morte na fogueira, deliberada contra um francês julgado e condenado pelo crime de heresia.

Embora não tenha sido implantado no Brasil, a vigilância que a priori era realizada pelos bispos, foi reforçada através das Visitações, estratégia adotada para perseguir os cristãos-novos que habitavam em terras brasílicas.

Em 2 de maio de 1591, chega à Bahia Heitor Furtado de Mendonça, visitador da Inquisição, que permaneceu em terras baianas, segundo Capistrano de Abreu (1922), até setembro de 1593, indo posteriormente para o Pernambuco, ficando lá até 1595. Durante sua estadia na colônia, foram produzidos nove livros, sendo estes quatro de denúncias, três de confissões e dois de ratificações. Nesse vasto material, ficou impresso o terror operado pela primeira visitaçã da Inquisição.

Maia (1992) afirma que a visitação promoveu uma devassa na vida dos colonos, principalmente da “gente da nação”, interrompendo o período de relativa tranquilidade e bom convívio que usufruíam, constituindo um duro golpe na harmonia da colônia e abalando a vida da comunidade cristã nova que habitava na Bahia e no Pernambuco, bem como estremecendo as relações com os cristãos-velhos.

A confissão era tida com um ato de misericórdia, a oportunidade que se tinha de arrependimento e, para isso, precisava convencer o inquisidor da sinceridade do seu ato. Em dias estipulados, denominados dias de graça, se o confessor achasse graça aos olhos do oficial da inquisição e se não houvesse denúncias contra ele, este poderia ser perdoado e ter seus bens conservados. Assis (2012) traz um célebre caso de confissão, a de Ana Rodrigues, natural de Portugal, cristã-nova, esposa de Heitor Antunes, que diante do édito de graça, compareceu para confessar suas culpas que estavam presentes nos jejuns e hábitos alimentares, na bênção que dava aos seus netos, colocando a mão sobre a cabeça, e na prática do luto. A octogenária, diante da pressão do inquisidor, defende-se justificando que não praticou os atos judaicos conscientemente.



Wiznitzer (1966, p.15) relata que “[...] declarou então o visitador que havia forte suspeita de que ela era judia e que vivia de acordo com a Lei de Moisés; que ela se havia separado da Santa Fé Católica, e que era impossível ter ela praticado todos esses conhecidos ritos judaicos sem que fosse judia [...]”.

A confissão de Ana Rodrigues, segundo Assis (2012), não foi considerada verdadeira pelo inquisidor, pois, para ele, as práticas da matriarca Antunes revelavam que esta era uma judaizante. Muitos cristãos-novos, com medo das denúncias, se antecipavam e confessavam, mas nem sempre o desfecho era positivo, como no caso em questão. Por haver muitas denúncias contra o clã Antunes, somadas às várias evidências, o perdão não foi liberado pelo inquisidor, haja vista a percepção de falta de sinceridade e os vários testemunhos que antecederam à confissão. Como desfecho, Ana foi enviada para Lisboa para aguardar julgamento, foi presa no dia 23 de abril de 1593, morreu na prisão e, após sua morte, foi condenada a ter seu corpo queimado.

Souza (2014) detalha o funcionamento da máquina inquisitorial que foi montada no Brasil através de seus oficiais, que eram habilitados como representantes diretos do Santo Tribunal. Tais oficiais, em solo brasileiro, prezavam pela manutenção da doutrina cristã católica, perseguindo e punindo os hereges, sendo os cristãos-novos os principais alvos da atuação destes.

Wiznitzer (1960) traz a relação de práticas e cerimônias consideradas crimes a serem confessados ou denunciados, segundo a Carta Monitória: A observância do sábado, de conformidade com a tradição judaica; Omissão do trabalho nesse dia, limpeza da casa nas sextas-feiras, acender velas novas nas sextas-feiras, dentre outros; Matança de aves e animais de acordo com a tradição judaica; Incisão na garganta, cobertura de sangue com terra; Não comer carne de certos animais e peixes considerados impuros pela lei de Moisés; Observância dos dias de jejuns judaicos; Celebração dos dias de festas judaicas: pães ázimos, Tabernáculos e do Shofar; A recitação de preces judaicas; Recitação de salmos de penitência sem fazer menção ao Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo; O tratamento e sepultamento dos cadáveres e o luto segundo o costume judaico, que incluía, comer em mesas baixas durante o luto, dá banho e vestir defuntos com roupa de linho, enterro em solo virgem e em covas fundas; A bênção das crianças impondo as mãos sobre as cabeças, passando pela frente sem fazer o sinal da cruz; Circuncidar os meninos e atribuir-lhes em segredo nomes judaicos; Raspagem do óleo, após o batismo da criança.

Além dos crimes descritos acima, o monitório previa também o crime pela tentativa de conversão a outras religiões, visto que o cristianismo, como uma religião legítima, punia severamente quem ousasse pregar outra fé. Também se constituía como crime a posse de bíblias que não fossem em latim e livros considerados proibidos.



No Brasil, a atuação do **Santo Ofício** ocorreu por meio das já citadas visitas e inquirições ordenadas e, sobretudo, por meio dos Comissários, Familiares, Qualificadores e Notários que devidamente habilitados operaram em seu nome. (...) Foram eles, na grande maioria das vezes, os responsáveis pelas inquirições, por ouvir confissões e delações, iniciar inquéritos, prender e enviar os réus para Lisboa caso necessário. Eram, por assim dizer, representantes incontestes dos Inquisidores em terras distantes dos tribunais, incluindo toda a América portuguesa [...] (Souza, 2014, p. 113).

As fronteiras dos sertões foram durante muito tempo objeto de disputa, por não haver uma definição geopolítica de onde começava um e terminava outro. No século XVII os sertões foram alvo de uma intensa disputa entre o governador da capitania do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas do ouro, Arthur de Sá e governador-geral do Brasil, João Lencastre, buscavam para si a tutela dos sertões mineiros.

Segundo Paula Regina Albertini Túlio em sua tese de doutorado, *Lavras Sem Paga: Redes de Contrabando e Cristãos-Novos nas Minas Setecentistas*, reforça que o isolamento da Bahia favorecia a carreira de Arthur Sá trazendo uma série de benefícios para sua carreira na administração pública podendo ascender hierarquicamente além de adquirir vantagens financeiras. O litígio não foi rapidamente solucionado demandando muitos anos até que as fronteiras fossem estabelecidas. Após a descoberta de ouro em Araçuaí ocorreu em 1727, o decreto régio de 1729 estabelecendo que Fanado estariam sob a Jurisdição de Serro Frio pertencente a administração da Bahia.

Os sertões baianos compreendiam um vasto território que estavam sob a jurisdição da comarca de Jacobina. “Na prática tudo fora da jurisdição da comarca da Bahia e de Sergipe, era comarca de Jacobina, e a partir daí, sua área vai sendo desmembrada.”

O estudo cartográfico, incorporado por Isnara Pereira Ivo em sua obra *Homens de Caminhos*, revela um gigantesco território sob o domínio da comarca de Jacobina que se estendiam do atual Sergipe ao Norte de Minas Gerais, sendo que este vasto território objeto de disputas econômicas e políticas era representado de forma comprimida revelando um discurso que os sertões da Bahia deveriam estar sob jurisdição de Minas.

Há uma clara intencionalidade de evidenciar as potencialidades dos sertões de Minas em detrimento à comarca de Jacobina e sua extensa jurisdição, isolando-a, tal faceta revela uma ferramenta de controle utilizada pelos governos com a clara intenção de demonstrar a superioridade da região das Minas, segundo a historiadora Isnara Pereira Ivo. Tendo em vista as constantes disputas políticas pelos territórios dos sertões de Minas e Bahia, tal estratégia seria um artifício para convencimento das autoridades superiores de que Minas deveria ter o controle do espaço em disputa. A nova historiografia revelam a importância dos sertões da Bahia na economia colonial e questiona a invisibilidade historiográfica do circuito aurífero baiano. Há um claro nas produções historiográficas em desconstruir a ideia de hierarquia política e econômica em relação a Minas Gerais e Bahia, esta ideia é comumente abordada e considera que os Sertões da Bahia estavam numa escala inferior em relação às Minas Gerais. Tal ideia, ignora o pioneirismo do sertão na dinâmica de povoamento baiano, abrigando vilas com organização civil e eclesiástica.

Solon Natalício Araújo dos Santos, autor de *Conquista e Resistência dos Payayá no Sertão das Jacobinas*, defende que o extenso território do sertão das Jacobinas englobava praticamente toda a região central da capitania da Bahia, normalmente é citado no plural, pois havia duas povoações com o nome Jacobina, a freguesia de Jacobina Velha e a Vila nova de Jacobina, a primeira se refere a atual cidade de Campo Formoso no território de identidade do Piemonte Norte do Itapicuru e a segunda a atual cidade de Jacobina. Nessa região, segundo o autor ocorreu uma intensa corrida de povoamento e exploração onde diversos agentes colonizadores transitaram, contribuindo significativamente para o comércio baiano. A notícia da descoberta do ouro em 1701, no rio Itapicuru no sertão das Jacobinas, contribuiu para aumentar o fluxo de pessoas nessa região, porém a exploração do ouro na Bahia foi proibida pelo governo português, pois havia medo de desabastecimento de gêneros alimentícios e também de ataques dos conquistadores estrangeiros.

...
tis. De
etiam. Eu
diam in. Mi ipsum
sodales neque sodales
vitae semper quis. In dic
lorem sed risus ultricies t
unt nunc pulvinar sapien et.
lorem dolor. Vel fringilla est ullam

A proibição não impediu o aumento populacional, tampouco a exploração mineral.

Segundo Paula Regina Albertini Túlio os caminhos dos sertões se constituíram com uma via de comunicação e de grande intercâmbio comercial que se conectava com outras capitâneas em um processo que evoluiu da dimensão local para a regional, esses caminhos passaram a ser percorridos por mineradores, camboeiros e tropeiros contribuíram decisivamente para a ocupação e povoamento dos sertões. A forma encontrada para controlar a extração aurífera foi a criação da Vila de Jacobina em 1722, que ficava localizada na freguesia de Jacobina Velha. a criação da comarca em Jacobina no ano de 1734 culminou um processo de demarcação política que se iniciou com a descoberta do ouro. Este acontecimento irá proporcionar uma conectividade entre os sertões e o governo português, tornando o potencialmente significativo para a capitania da Bahia. Havia uma sincronicidade entre as atividades econômicas desenvolvidas nos Sertões da Bahia, a economia do gado e a exploração do ouro eram realizadas concomitantemente no século XVIII, porém a atividade mineradora foi a responsável por dar reconhecimento político à região. Os Sertões, segundo a nova abordagem historiográfica, é concebido como um espaço de grande extensão territorial, de grande circulação de pessoas e saberes, bem como de grande produção econômica, que também era lugar de refúgio buscaremos identificar a presença de judeus convertidos ou criptojudeus nos sertões da Bahia colonial.

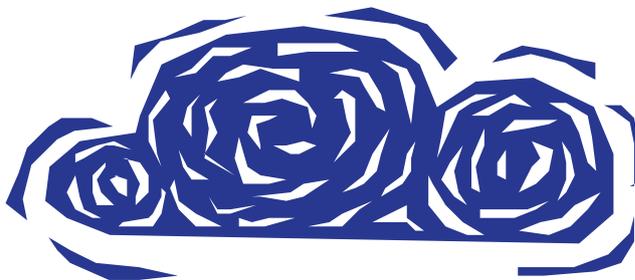
Isnara Pereira Ivo, busca desconstruir a ideia do sertão baiano como um lugar esquecido e desprovido de atrativos e apresenta um espaço que abrigava uma diversidade de pessoas e culturas que se movimentavam e interagiam favorecendo trocas e assimilações e que era considerado pelo rei Dom João V como, “a joia mais preciosa do Brasil”.

CONEXÃO
HISTÓRICA
REVISTA DE HISTÓRIA



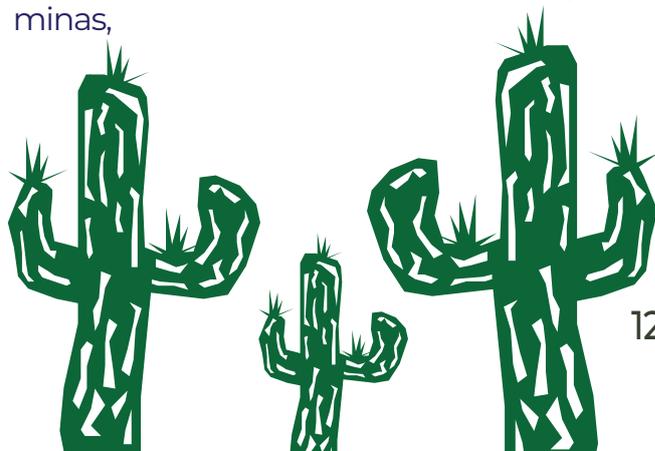
OS SERTÕES

Dos Cristãos Novos



A autora Anita Novinsky em sua obra, *Cristãos novos na Bahia colonial*, nos chama a atenção para o fato dos cristãos novos serem desbravadores dos sertões. Embora carregada de muitos significados e desdobramentos a afirmação não apresenta uma continuidade sobre o processo desbravador, mas se encerra sem apresentar elementos capazes de identificar esses sujeitos e suas ações no povoamento dos sertões. Nessa busca minuciosa encontramos a constatação de Lycurgo dos Santos Filho em Uma comunidade rural no Brasil antigo, assegura que nos sertões de Rio de Contas existiam milhares de cristãos novos, que desempenhavam negócios deveras lucrativos e tinham uma vida abastada e que essa condição não lhes causava temor a presença de Familiares da Inquisição. Segundo o historiador Erivaldo Neves, os cristãos-novos se refugiavam nos Sertões para fugir da perseguição do Santo Ofício e se dedicavam às mais diversas atividades econômicas, em particular, as mais rentáveis. Tal afirmativa assim como as demais não é detalhada minuciosamente se encerrando com poucos elementos sobre essa presença nos sertões da Bahia. A descrição da historiadora Paula Roberta Albertini Túlio sobre a atuação cristã nova nas atividades lícitas e ilícitas dos sertões de Minas e da Bahia lançam luz sobre uma temática ainda incipiente revelando relações comerciais entre cristãos novos que escolheram os sertões para morar, se esconder e ganhar dinheiro, sendo a ação cristã nova nos sertões ainda mais organizada e precoce do que se supõe, o conhecimento prévio da descoberta do ouro em Rio de Contas pode ter contribuído para a organização e planejamento do investimento na exploração do mesmo.

Segundo, Paula Roberta Albertini Túlio, as redes comerciais estabelecidas na expansão europeia tiveram como idealizadores os cristãos-novos portugueses, estes também criaram novas formas de trocas e desenvolveram novas formas de técnicas para o crédito. A diáspora serfadita possibilitou que os judeus conversos mantivessem conexões planetárias à partir do eixo português. O comércio era a atividade essencial que era fortalecido pelas redes de parentesco e faziam parte desta grandes mercadores e também pequenos comerciantes. O crédito fazia parte dessa rede comercial indicando que os que o concedia precisava possuir uma grande soma de dinheiro. A descoberta do ouro nos sertões da Bahia e de Minas atraiu muitos cristãos novos para o Brasil, que tiveram a oportunidade de enriquecer e ascender socialmente. A grande rede de contatos espalhados pela colônia e pelo globo lhes possibilitaram uma expressiva vantagem nas transações econômicas. A região das Minas foi a mais demandada pelos cristãos-novos gerando um fluxo contínuo de comerciantes pelos caminhos que ligavam a Bahia à região das Minas, que além de mercadorias transitavam informações privilegiadas para que mais lucros fossem gerados, mesmo que fosse através da extração ilegal. Tudo isso fez do sertão o local perfeito, discreto, aparentemente vazio o tornava no local adequado para abrigar um grande número de cristãos novos que viviam fugindo das ações inquisitoriais. Através das confissões de membros da rede mercantil que atuava na região das minas,



Paula Roberta Albertini Túlio, concluiu que havia uma grande mobilidade dos cristãos novos “dentro e fora do reino” e que os mercadores possuíam várias moradias situadas em locais estratégicos o que contribuía para o sucesso dos negócios, fazendo com que houvesse uma grande circulação de mercadorias e riquezas minerais. A confissão de Fernando Gomes Nunes, mercador de tecidos, preso em 1733, contribuiu para identificar o cristão novo David Mendes da Silva, cristão novo, morador das Minas de Araçuaí comarca de Serro Frio, que pertencia a administração da Bahia. O acusado tinha quarenta e um anos, solteiro e um próspero homem de negócios. Foi condenado pelo crime de judaísmo e sua sentença foi cárcere e hábito penitencial perpétuo com confisco de bens. A historiadora Suzana Servers reconstitui o cotidiano cristão novista em sua obra, Além da exclusão, faz um excelente levantamento dos cristãos novos que habitavam a Bahia nos Setecentos. O mapeamento inclui “seus bens, suas roupas, seus móveis, suas joias, os utensílios domésticos, objetos pessoais, etc.”, e nos é favorável pois nos possibilita analisar a trajetória de alguns cristãos novos que habitavam os sertões da Bahia. João Mendes de Moraes, comerciante, cristão novo, morador do Sertão das Jacobinas foi preso em 1728. Novinsky (2015) traz o processo do referido condenado porém não há informações detalhadas sobre a acusação e a sentença do mesmo, o que Servers (2016) acrescenta que o mesmo era irmão de João de Moraes Montesinhos, tratante nos sertões da Bahia e Minas, também condenado pelo crime judaísmo. Segundo Severs (2016), o distrito minerador de Rio de Contas também teve entre seus moradores o comerciante cristão novo, Luís Mendes de Sá que transitava entre os caminhos de Minas à morte, sendo executado no auto-de-fé de 18/10/1739.

O descobrimento das bacias auríferas na Bahia e a conseqüente criação de Vilas estratégicas que se interligavam tiveram na figura dos cristãos novos comerciantes nos sertões das Jacobinas e no Alto Sertão um elo que contribuiu para o dinamismo do mercantil colonial entre Bahia e Minas, conclui Servers (2016). O levantamento realizado por Severs (2016) enumera alguns cristãos novos que moravam em Serro Frio onde a atividade mineradora era intensa e se produziam uma grande quantidade de pedras preciosas. Antonio de Sá, morador do sítio de Barra de Água Limpa. Transitando entre Cachoeira e Serro Frio vivia o Cristão novo Antonio Fernandes Pereira, minerador que antes de ser condenado pelo “Santo Ofício” tivera avó materna, tios, irmãos e primos penitenciados. Dentre os moradores cristãos novos de Araçuaí em Serro Frio estava o médico Manuel Dias, ele foi denunciado pelo vizinho também cristão novo, Fernandes Pereira. Outro denunciado pelo também cristão novo Manoel Albuquerque Aguilar, Manoel Nunes Sanches, foi preso em 1730, afirmou ser agricultor, porém em seu inventário declarou vários instrumentos para a mineração, com essa informação presumimos que lavrador, mas atuava em garimpos em Minas Novas de Fanados e Araçuaí. O mesmo declara possuir uma roça de milho com o cristão-novo, Pedro Nunes de Miranda, em Campos de Cachoeira das Minas Gerais. Segundo Túlio (2019) os denunciados à Inquisição no século XVIII que habitavam em região de exploração de minérios faziam parte de uma rede de contrabando cujo um dos principais responsáveis era Manoel Albuquerque Aguilar, cristão-novo famoso por ser um dos maiores contrabandistas de diamantes.

Para ser expert
no assunto

A Estrela oculta do Sertão

O documentário A Estrela Oculta do Sertão coloca frente a frente dois lados de uma mesma moeda. Ao confrontar o judaísmo oficial com o judaísmo dos retornados, são trazidas à tona questões como tolerância, identidade, preconceito e fé.



Legado cultural dos cristãos novos presentes nos sertões baianos

Fatos curiosos



- **Ritos Fúnebres:** Cobrir todos os espelhos da casa. Lavar o corpo com água trazida da fonte em um recipiente novo que nunca tenha sido usado, e vestir o corpo em roupas brancas, as mortalhas. Velar o corpo um dia e levar à igreja e de lá ao cemitério. Jogar um punhado de terra sobre o caixão quando este é descido à sepultura.
- **Alimentares:** matar o animal com a incisão na garganta e derramar o sangue cobrindo-o com a terra. Lavar as mãos no sentido de inocência ou como higiene antes das refeições. Antes de beber, derramar parte do copo ou cálice para o “santo”. Esta tradição tem origem no rito milenar judaico de reservar na festa de Pessach (Páscoa, celebração do Êxodo) um cálice de vinho para o profeta Elias.
- **Nascimento:** Depois do nascimento, a mãe deveria durante 30 dias permanecer em repouso na cama, costume que tem origem na Torá e no Talmud, cujo tratado Nidá detalha o tema. Ainda durante o período, chamado popularmente de “resguardo”, encontramos relato sobre a mulher só comer frango para ter “sustância”, força para a recuperação. Pode ser sincrético, mas lembremos que a canja de galinha é considerada, com humor, “a penicilina judaica”.
- Varrer a casa da porta da frente para a cozinha.

Enem

nota 1000

O que falar sobre...

Identidade e cultura na diáspora: Explore como os cristãos-novos, forçados a se converterem ao catolicismo, mantiveram elementos de sua identidade e cultura judaica na diáspora e como isso influenciou a diversidade cultural da América portuguesa.

Colonização e Inquisição: Analise como a presença dos cristãos-novos na América portuguesa desencadeou a atuação da Inquisição e como esse evento pode ilustrar as complexidades da colonização europeia na época.

Impacto econômico e social: Investigue o papel dos cristãos-novos na economia e sociedade da América portuguesa, incluindo como suas atividades comerciais influenciaram o desenvolvimento econômico da região.

Herança cultural judaica na América: Examine como elementos da cultura judaica dos cristãos-novos, como tradições, culinária, ou linguagem, deixaram uma marca duradoura na América portuguesa e como essa herança cultural persiste até os dias de hoje.

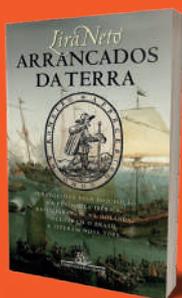
BRAINSTORM



O Tribunal do Santo Ofício da Inquisição foi criado para reprimir práticas contrárias a fé católica cristã. **O que você sabe sobre a ação inquisitorial no Brasil? Quem era o principal alvo desse tribunal?** Retire do texto cinco palavras-chaves e elabore um texto dissertativo sobre problemáticas sociais atuais utilizando as palavras retiradas do texto.

Leitura

extra



ARRANCADOS DA TERRA

Lira Neto

Em setembro de 1654, um grupo de 23 refugiados desembarcou em Nova Amsterdã, colônia holandesa na costa oriental da América do Norte.

Exaustos, esfarrapados e sem dinheiro, fugiam da Inquisição, reavivada nas capitanias do Nordeste depois da vitória luso-brasileira na guerra contra a ocupação neerlandesa.

Seguindo a trilha de religiosos e intelectuais ilustres, mas também de lavradores e mascates quase anônimos, Lira Neto conta uma incrível saga de fé, resistência e esplendor cultural, e faz assim também uma história narrativa e colorida da ocupação holandesa do Nordeste.



O SEGREDO DO ORATÓRIO

Luize Valente

O segredo do oratório é um romance revelador sobre a história dos judeus no Brasil. A paraibana Ioná, descendente de cristãos-novos, descobre que sua família guarda um importante mistério sobre seus antepassados.

Na intenção de desvendá-lo, o Sertão nordestino torna-se pano de fundo de uma viagem às raízes do Brasil onde costumes e tradições apontam uma origem judaica que se confronta com o judaísmo atual, a partir do momento em que Ioná resolve reivindicar essa nova identidade.



<http://liraneto.net>

Livros e entrevistas do jornalista e escritor Lira Neto sobre Cristãos Novos e Inquisição.

<http://antt.dglab.gov.pt>

Processos relativos aos 300 anos de atuação do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição.

<http://brasilecola.uol.com.br>

Contextualização sobre o tema, leituras iniciais.

Quiz

Hora da verdade!

01

Anita Novinsky, em seus estudos sobre a presença de cristãos novos na Bahia, derrubou alguns mitos importantes que têm sido levantados pela historiografia tradicional. Um deles, por exemplo, foi a suposta importância desses personagens no auxílio aos invasores holandeses, justificando, assim, além de sua própria natureza judaizante, sua perseguição pelos Tribunais da Santa Inquisição. Uma das fontes de estudo de Novinsky foi o Relatório de Temudo, importante padre e colaboracionista dos Tribunais de Lisboa. Nesse relatório são listados vários nomes de cristãos novos que foram denunciados à Corte. Segundo a autora, é interessante notar que os nomes de cristãos novos mencionados nesse relatório pertencem todos aos homens mais antigos da Colônia, alguns já nativos da terra e integrados na vida regional.?

(Fonte: NOVINSKY, Anita. Cristãos novos na Bahia: A Inquisição. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.123)

A partir da leitura do enunciado e de seus conhecimentos, aponte a alternativa CORRETA sobre o tema tratado.

A -

Muito embora o catolicismo fosse considerado religião oficial, tanto na Europa quanto na Bahia, judeus e/ou cristãos novos tinham plena liberdade para professar suas crenças na colônia. Isso lhes garantia, inclusive, cargos públicos e administrativos nos domínios luso-brasileiros e holandeses.

B -

Os cristãos novos eram descendentes de judeus ou muçulmanos que sempre atuavam, política e religiosamente, contra os interesses da Igreja Católica. Nesse sentido, há uma clara unanimidade em nossa historiografia sobre sua participação no apoio aos invasores holandeses, que tomaram a Bahia durante o século XVII.

C -

Dentre os considerados cristãos novos estavam os descendentes de judeus convertidos ao catolicismo que, eventualmente, eram considerados ameaçadores por praticarem sua religião clandestinamente e atuarem contra o domínio e administração católicos, tanto na Europa, quanto nas áreas coloniais.

D -

A autora citada no enunciado defende claramente a participação de cristãos novos, judeus ou muçulmanos convertidos ao catolicismo, aliando-se aos holandeses durante o cerco a Salvador, o que justificaria sua perseguição pelos inquisidores da Corte de Lisboa.

next

02

“A invasão holandesa no Brasil, em 1630, mudou o quadro social e religioso da colônia e a vida dos cristãos-novos. Uma política de relativa tolerância religiosa, por parte do invasor, deu aos cristãos-novos um aceno de liberdade e muitos retornaram à fé de seus antepassados, principalmente após a chegada de centenas de judeus da Holanda. Floresceu no Recife, por alguns anos, uma comunidade judaica organizada sob os moldes da comunidade de Amsterdã, com sinagoga, escola, cemitério, assistência aos pobres e órfãos. Foi esse, de todos os séculos coloniais, o único período em que a religião judaica foi livremente seguida no Novo Mundo.”

(NOVINSKY, Anita. Inquisição: Prisioneiros do Brasil - Séculos XVI-XIX. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 2002.)

Baseando-nos nas afirmações da autora sobre a liberdade de culto dos cristãos-novos no “Brasil Holandês”, podemos dizer que:

A -

O cristão-novo só era tolerado em Recife por causa do que ele poderia oferecer como trabalho.

B -

Não havia contato entre os cristãos-novos e os católicos no “Brasil Holandês”.

C -

Não havia acordo comercial entre cristãos-novos e holandeses, mas sua presença era tolerada em Recife.

D -

No “Brasil Holandês”, o cristão-novo não era obrigado a fingir ser católico e a fazer seus ritos judaicos em segredo.

E -

Os holandeses, como eram protestantes em sua totalidade, não se importavam com a prática do criptojudaísmo.

next

03

A alcunha “cristão-novo” foi dada a judeus e muçulmanos que se converteram (em sua maioria forçadamente) ao catolicismo na virada do século XV para o século XVI em Portugal. Qual foi o principal motivo para que ocorresse essa conversão?

A partir da leitura do enunciado e de seus conhecimentos, aponte a alternativa CORRETA sobre o tema tratado.

- A -**
a Guerra dos Cem Anos.
- B -**
o casamento de D. Manuel I e Isabel de Aragão.
- C -**
a morte de Inês de Castro.
- D -**
a União Ibérica.
- E -**
a criação do Condado Portucalense.



next

04

“E, por já nas ruas não acharem cristãos-novos, foram assaltar as casas onde viviam e arrastavam-nos para as ruas, com os filhos, mulheres e filhas, e lançavam-nos de mistura, vivos e mortos, nas fogueiras, sem piedade. E era tamanha a crueldade que até executavam os meninos e (as próprias) crianças de berço, fendendo-os em pedaços ou esborrachando-os de arremesso contra as paredes.”.

(GÓIS, Damião de. Chronica do Felicissimo Ray. D, Emanuel da Gloriosa Memória. [1506])

O texto acima narra um acontecimento ocorrido em Portugal no ano de 1506. Que acontecimento foi esse?

- A -**
O apoio à fuga dos mouros da Península Ibérica.
- B -**
A destruição do Mosteiro de São Domingos.
- C -**
O grande massacre dos cristãos-novos.
- D -**
O terremoto de Lisboa
- E -**
A fuga dos cristãos-novos de Portugal para a Espanha.

next

RESPOSTAS

01

C -

Dentre os considerados cristãos novos estavam os descendentes de judeus convertidos ao catolicismo que, eventualmente, eram considerados ameaçadores por praticarem sua religião clandestinamente e atuarem contra o domínio e administração católicos, tanto na Europa, quanto nas áreas coloniais.

02

D -

Boa parte dos cristãos-novos praticava o criptojudaísmo (cumpriam os rituais judaicos em segredo) quando estavam em territórios católicos sob a jurisdição do Santo Ofício. No “Brasil Holandês”, eles não precisavam manter em segredo as suas práticas religiosas.

03

C -

Grande Massacre dos cristãos-novos começou no dia 19 de novembro de 1506. Parte dos católicos portugueses considerava os cristãos-novos responsáveis por calamidades naturais, como a grande seca pela qual passou Portugal no início do século XVI, bem como a peste que também assolava o país na mesma época.

04

E -

O criptojudaísmo consistia em exercer os rituais do judaísmo tradicional em foro íntimo, longe dos olhos da população e das autoridades religiosas católicas. O criptojudeu era, normalmente, um cristão-novo, isto é, convertido ao cristianismo, mas cristão só na superfície.



Este trabalho foi apresentado ao Mestrado profissional em História da Universidade do Sudoeste da Bahia como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA

